



**“FELICIDADE POR UM FIO”, “QUEM QUER CASAR COM ISOKEN?” E  
“ATLANTIQUE” COMO CONTRIBUTO A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES  
ÉTNICO-RACIAIS**

**“NAPPILY EVER AFTER”, “ISOKEN” AND “ATLANTIQUE” AS A  
CONTRIBUTION TO THE EDUCATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS**

Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque<sup>1</sup>  
Goreth da Silva Pinto<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho, tendo como referenciais Nilma Lino Gomes, Maria Xavier de Castro e Marcos Silva, se propõe a análise dos filmes “Atlantique”, “Quem quer casar com Isoken?” e “Felicidade por um fio” a fim de dialogar em caráter interdisciplinar a respeito da utilização das películas como aporte a educação das relações étnico-racial. Neste sentido, num primeiro momento se faz a descrição dos longas-metragens, com as características sociais e culturais que os assemelham e diferenciam. E em etapa posterior voltamos os olhares para as contribuições destes filmes ao debate do ensino das relações étnico-raciais e de gênero, tomando como foco o ensino fundamental II e ensino médio, expondo sugestão de sequência didática de trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Relações étnico-raciais. Mulheres. Filmes.

**ABSTRACT**

The present work, having as references Nilma Lino Gomes, Maria Xavier de Castro and Marcos Silva, proposes the analysis of the films "Atlantique", "Isoken" and "Nappily ever after" in order to dialogue on an interdisciplinary nature about the use of films as it contributes the education of ethnic-racial relations. In this sense, at first, the description of the feature films is made, with the social and cultural characteristics that resemble and differentiate them. And in later stages we turn our eyes to the contributions of these films to

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UFAC e Direito pela UNINORTE. Mestre em História pela PUC/SP. Doutora em História pela USP. Professora Associada Nível 01 do CFCH/UFAC, leciona História da América, História do Brasil e Formação Social da Amazônia nos cursos de História e Jornalismo. Integrante da equipe editorial da Revista DAS AMAZÔNIAS. Pesquisadora do NEABI- UFAC. Com experiência na docência e orientação das especializações de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira/UFAC e Educação das Relações Étnico-Raciais/UNIAFRO/UFAC. Professora formadora do curso de Educação das Relações Étnico-Raciais/ODR/NEABI-UFAC. E-mail: biancaalbuquerquem@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal do Acre. Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira também pela UFAC e Pós-Graduada em Gestão de Políticas Pública em Gênero Raça e Etnia, pela Universidade Federal de Ouro Preto. É professora concursada da Rede Estadual de Ensino e atua como coordenadora do Núcleo de Promoção da Igualdade Racial do Estado do Acre. É Secretária Executiva do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial e é membro do Fórum Permanente de Educação Étnico Racial. E-mail: gorethdasilvapinto@yahoo.com.br



the teaching debate of ethnic-racial and gender relations, focusing on elementary school II and high school, exposing suggestion of didactic sequence of work.

**KEYWORDS:** Education. Ethnic-racial relationships. Woman. Films.

## **1. INTRODUÇÃO**

O escrito que ora se introduz busca, por meio de reflexões sobre a tríade fílmica, levar as salas de aula o diálogo sobre os papéis e condicionamentos sociais impostos as mulheres negras. Em caráter introdutório devemos explicar que a opção pelas películas “Quem quer casar com Isoken?”(2017), “Felicidade por um fio” (2018) e “Atlantique” (2019) se motiva por todos possuírem conteúdos que falam sobre questões femininas negras, tendo em comum o fato de serem dirigidos por mulheres e tratarem de produções recentes.

Os dois primeiros empregam a comédia como modalidade narrativa, enquanto o último foi classificado como drama (ou uma história de amor fúnebre). Ponto comum aos mais recentes é terem sido rodados no continente africano, enquanto o “Felicidade por um fio” é norte-americano (mas, dirigido por uma saudita). Dito assim, podem parecer pouco colaborativos a educação étnico-racial ou a condição feminina. Entretanto, é necessário nos demorarmos com atenção a tais películas concernente ao papel da mulher negra, bem como as opções feitas pelas diretoras para contarem suas tramas e mensagens.

## **2. DAS REPRESENTAÇÕES FÍLMICAS E DE ESCOLHAS**

Devemos recordar que as representações teatrais, fílmicas e televisivas não são inocente e contribuem para a formação social, intelectual e moral. Corroborando aos nossos argumentos tivemos na educação brasileira em tempos coloniais os jesuítas e suas encenações de textos bíblicos, os filmes do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo, ou mais recentemente o Telecurso da Fundação Roberto Marinho e os produtos da TV Escola.

Igualmente nos cabe rememorar que as intencionalidades perpassam inclusive a tradução de títulos, afetando o caráter de atratividade para as redes de divulgação de películas. Somando-se a isso a longa lista de problemas com as versões dos nomes de filmes (e séries) a



antecipar todo o enredo, as desconexões entre conteúdo e tradução, redundâncias ou categorização de personagens em adjetivos que findam por dar denominação dos filmes.

Exemplificando tais circunstâncias temos “Selma - uma luta pela igualdade” (originalmente sem o subtítulo, chamado apenas de “Selma”) em alusão a marcha da cidade homônima a Montgomery no estado do Alabama, dentro do processo de luta pelos direitos civis e de representação política dos negros e negras estadunidenses liderados por Martin Luther King. Em consonância a nossa observação encontramos “Estrelas além do tempo” (em inglês “The hidden figures”, ou seja, “figuras ocultas”) referindo-se as mulheres negras matemáticas, físicas e engenheiras que trabalharam nas equipes de cientistas para os projetos espaciais da NASA.

## **2.1 Pensando a “felicidade por um fio”**

E ante tais argumentos nos ocorrem reflexões sobre “Felicidade por um fio” (em inglês “Nappily ever after” que no filme em comento teria o significado de “cacheados para sempre”, diferindo bastante do título em português). O filme é da tríade composta Haifaa al-Mansour (diretora), Adam Brooks e Cee Marcellus (escritores que se basearam na obra Trisha R. Thomas), que partem da premissa dos estereótipos vinculados a idealização de mulher perfeita. A caracterização de tais circunstâncias é enfatizada na primeira fala do filme é “como a maioria das mães negras, a minha era consumida pela apresentação de sua filha”, seguida da narrativa da personagem principal Violet Jones (interpretada por Sanaa Lathan) sobre a obsessão de sua mãe Paulette Jones (papel de Lynn Whitfield) “porque nenhum conto de fadas terminava com ‘cacheados para sempre’.”<sup>3</sup>

Após a narrativa de incidente na infância passamos a um novo ato denominado de “straightened” (que tanto pode significar “alisada”, quanto “endireitada”) já com recorte na vida adulta de Violet Jones. Eis nova demonstração da fixação com a sua imagem capilar, conforme se vê com o recebimento da visita durante a madrugada de sua mãe com o propósito de lhe alisar o cabelo, para que o namorado Clint Conrad (feito por Ricky Whittle) não a veja despertar cacheada. Após a feitura do cabelo e breves diálogos sobre o pretenso pedido de casamento que deveria ocorrer ao amanhecer, vemos Violet Jones regressar a cama e fingir

---

<sup>3</sup> Destaque para a legenda que diz “cacheados” e na dublagem que fala “pixaim”.



que acordava. A caracterização do papel feminino negro nos causa inquietações por seu cabelo, corpo e postura reduzido a arquétipos de estética eurocêntrica.

A fim de não desistir da experiência em seus momentos iniciais, há de se considerar que é a direção da polêmica Haifaa Al-Mansour (primeira mulher saudita a se tornar diretora de cinema), por isso mesmo, seu viés não é reflexão pueril sobre a condição feminina. Neste sentido Al-Mansour vai apresentando um a um os estereótipos vinculados a representação do papel da mulher desde os primórdios da humanidade: feminilidade, vaidade, beleza, casamento, maternidade e submissão (a família e ao marido), acrescido da obrigação de êxito profissional (herança do século XX).

Então, vencida a primeira parte do incômodo, vamos assistir ao segundo capítulo “weave” traduzido incorretamente como “peruca”, mais adequadamente representando o “tecer” o “entrelaçar” dos fios (remetendo aos apliques que aumentam a extensão dos fios de cabelo). A trama do enredo se entrecruza a outros personagens significativos, como o cabeleireiro e sua filha, mas, não envereda no compromisso esperado. Em lugar disso temos frustrações e um novo ato, denominado “blonde” (loura) e por fim o maior de todos os segmentos da película chamado de “bald” (em português “careca” ou “desnudado”). Com esses capítulos temos à alusão ao uso do véu, representado nos cabelos como marca dessa subordinação e no desnudar-se capilar como estigma e imposição da condição de feminilidade. Junto com os cabelos de Violet Jones vão abaixo também pontos de vista sobre casamento e trabalho.

Transpondo o processo de autoestima e aceitação da personagem principal, “Felicidade por um fio” é representatividade e ruptura quanto ao que é feminino ou masculino. Seguindo o bom exemplo de “Pantera Negra”, a película tem o seu elenco majoritariamente composto de atores negros e atrizes negras que exercem funções de destaque social. Há uma fissura na representação de idosos e do que seria função masculina na educação de seus filhos, por conta do personagem Richard Jones (pai da protagonista) interpretado por Ernie Hudson aparecendo em seus setenta e quatro anos como modelo de roupas íntimas, ao que se agrega a paternidade proativa Will Wright (papel feito por Lyriq Bent).

E para além dos atributos do chamado romance de Violet Jones com seu cabelo, temos um filme que é uma crítica a indústria da beleza, posto a imposições de padrões e a reflexão sobre os valores movimentados por esse segmento. Meritório ainda é o fato de ser



um filme leve, que aparenta ter pouca densidade narrativa, mas, vai paulatinamente prendendo a atenção e promovendo questionamentos sobre a realidade que nos circunda.

Contudo, maior relevo, a nosso ver, deve ser dado para a direção de Haifaa Al-Mansour, embora o filme em comento não seja o seu primeiro e tampouco o último da carreira dessa saudita (nascida em 1974, filha de pai poeta, com graduação na Universidade Americana do Cairo e Mestrado em Estudos de Cinema pela Universidade de Sydney). O destaque a direção de “Felicidade por um fio” de 2018, para nós não se deu porquanto dos recursos de enquadramento, fotografia ou algo desse gênero, mas, a perseverança da diretora em fazer filmes, recordando que em seu país de origem as salas de cinema estiveram fechadas durante mais de dois terços de sua vida.

Relevante também é o olhar delicado para pautas de mulheres, que são recorrentes na obra de Haifaa Al-Mansour, haja visto seu recente “The Perfect Candidate” filmado em 2019 narrando a história da primeira mulher a candidatar-se a cargo eletivo no interior da Arábia Saudita. No entanto, o trabalho a nosso ver não adentra nas conflituosas relações étnico-raciais na sociedade estadunidense, sobretudo na cidade de Atlanta (no estado sulista da Georgia), que é pano de fundo para o desenrolar da trama. Para nós tal situação lacunar, sem o enfoque de embates interétnicos, pode estar relacionada a origem da produção e ao intuito de deixá-la em linguagem “mais acessível” ao grande público.

## **2.2 Casamento e estereótipos femininos de “Isoken”**

Assemelhando-se a “Felicidade por um fio” (2018), tivemos um ano antes a filmagem e divulgação de “Quem quer casar com Isoken?” (2017) em que são abordados novamente os arquétipos vinculados a figura feminina, posto que igualmente se fala em cabelos, feminilidade, obediência, matrimônio, prole e o conflito entre os êxitos profissionais e familiares.

“Quem quer casar com Isoken?” trata, como já diz o título, da história de Isoken (interpretada por Dakore Akande) que aos trinta e quatro anos é uma publicitária bem-sucedida (outra semelhança com “Felicidade por um fio”), culta, com amigos e família. Mas, Isoken é considerada por seus familiares como solteirona e por isso um desonroso problema para a família.



Contudo, se a temática e os atributos das protagonistas entre “Felicidade por um fio” e “Quem quer casar com Isoken?” são similares, o oceano Atlântico separa os dois polos de produção, assim como as condições de filmagens e desenvolvimento da narrativa são diferentes. Em “Quem quer casar com Isoken?” mais uma vez encontremos o controle aos cuidados de uma mulher, sendo a estreia na direção de Jadesola Osiberu<sup>4</sup> em roteiro e produção próprias. Entretanto, diferente de “Felicidade por um fio”, em “Quem quer casar com Isoken?” temos um diálogo mais direto com as diferenças étnico-raciais.

Embora a película de Jadesola Osiberu tenha sido vitimada de antecipação de conteúdo com seu título, o filme se inicia na festa nupcial da irmã mais jovem de Isoken e nos informa o quanto é pesada a cobrança na Nigéria para que as mulheres se casem. A narrativa inicial serve tanto para delimitação de espaço social, quanto geográfico, demonstrando o matrimônio como condicionante de convívio em sociedade e não meramente obrigação econômica ou reprodutiva.

Para compreender, necessário é rememorar que a Nigéria é o país com maior quantitativo populacional de todo o continente africano e o sétimo do globo terrestre. Concentra o terceiro maior produto interno bruto africano (ficando atrás apenas do Egito e África do Sul). Tendo como língua oficial o inglês embora sua população seja composta por mais de quinhentas etnias diferentes (ressaltando hauaças, iorubas, igbos cuja influência também permeiam os espaços religiosos). Estando o território nigeriano dividido entre católicos e muçulmanos (lembrando ainda que em 2002 foi fundado o grupo Boko Haram, a quem são atribuídas incontáveis ações contrárias aos direitos humanos, inclusive com sequestro e violação de meninas). Dadas as devidas caracterizações, observa-se a presença de tradições iorubas mescladas com hábitos cristãos em todo decorrer da película, assim como se vê um livro na estante do Papa Isoken (representado por Patrick Doyle) com o nome do grupo paramilitar jihadista. A indumentária da família é sempre colorida e alegre, em contraponto a tristeza da relação opressora de Isoken e sua Mama (papel de Tina Mba).

Dentro deste contexto ocorre um namoro arranjado entre Isoken e Osaze (Joseph Benjamim), caracterizado como nigeriano rico que vislumbra na noiva aspecto positivo e atraente relativo à ambição profissional (desde que domada). E a partir do casamento que abre o filme, vemos surgir uma relação entre Isoken e Osaze configurando duas faces da

---

<sup>4</sup> Nascida na Nigéria e nove anos mais jovem que Haifaa Al-Mansour.



protagonista: de um lado a profissional confiante, decidida, multicolor e com personalidade jovial; doutro a monocromática, elegante e silenciada noiva. Isoken a princípio diz querer ser real, autêntica. Mas, se adequa a padrões alheios a sua vontade quanto ao que vestir, como pentear-se e não apresentar o seu cabelo natural porque ele é um problema, pois “a competição é intensa” como afirmam suas amigas Joke (papel de Damilola Adegbite), Kukua (feita por Lydia Forson) e Agnes (Funke Akindele).

Paralelamente, Isoken segue fazendo coisas atinentes a sua vida de solteira como lavar roupas, trabalhar, ir a bares com as amigas e em todas as situações se depara com Kevin (interpretado por Marc Rhys), que além de fotógrafo é também um “Oyinbo” (branco). Constitui-se amizade entre Isoken e Kevin em concomitância ao desenrolar do noivado com Osaze. Assim apresenta-se o matrimônio como encruzilhada de decisões pessoais e profissionais. Porém, neste longa-metragem o desdobramento leva as núpcias diferente do ocorrido em “Felicidade por um fio”.

### **2.3 O desalento de “Atlantique”**

Em “Atlantique” da diretora Mati Diopi mais uma vez o casamento é recorrente como imposição social a protagonista. Outra semelhança em “Atlantique” (que para nossa sorte não padeceu do insucesso de uma tradução do título) e “Quem vai casar com Isoken?” refere-se ao fato de termos outra obra de diretora, que também é a roteirista (filme escrito em parceria com Olivier Demangel). E aqui cessam as similitudes. Por isso, não busquem risos ou esperanças terrenas, não se fez um conto de fada.

Mati Diopi (se tornou mais celebre por ter sido a primeira negra a concorrer à Palma de Ouro em Cannes) foi laureada com o Grand Prix no mesmo festival e obteve inúmeras indicações a disputas de premiações, inclusive na categoria de Oscar de melhor filme estrangeiro em 2020. Contudo, ainda que Diopi recorra ao lúdico em “Atlantique”, não desconectou a narrativa da diáspora negra. O êxodo forçoso reaparece e nós é atirado a face.

Nesta produção franco-belga-senegalesa a narrativa é desalentadora, morosa, sofrida, diferente das demais. Há longos planos e silêncios. O oceano é quase um personagem de tão recorrente suas aparições, que são belas e associadas a espaço de fugas, sonhos, contemplações e mortes. É o mar no sentido dado por nossos ancestrais como a “ka’lunga”, ou seja, vastidão, ao mesmo tempo em que é necrópole por alusão aos navios negreiros.



“Atlantique” é desencanto pautado em um triângulo amoroso, que faz a representação da condição de vida feminina na periferia da capital senegalesa, colocada em relevo com a adolescente Ada (interpretada por Mame Bineta Sane) e suas amigas. Ada é apaixonada por Souleiman (papel de Ibrahima Traoré) trabalhador da construção civil, mas, ela está em um noivado por conveniência social e econômica com Omar (vivido por Babacar Sylla) um homem mais velho e rico. O enlace matrimonial aqui não é uma escolha, trata-se de uma imposição dos desejos de uma humilde família. E o casamento é meio de ascensão, uma espécie de “sorte grande” da jovem Ada.

Em contraste ao destino pretendido pelo clã de Ada, somos apresentados a Souleiman e seus colegas de trabalho que estavam há meses sem receber. E por conta da falta de perspectivas de renda, os jovens operários partem em uma precária balsa a fim de tentarem chegar a Europa. Mas, a trajetória dos rapazes é interrompida com o naufrágio e óbitos. A partir disto, suas namoradas (incluindo Ada) têm experiências incomuns vinculadas a afetos e dívidas terrenas.

#### **2.4 Sugestões de usos dos filmes “Felicidade por um fio”, “Quem quer casar com isoken” e “Atlantique” para à educação das relações étnico-raciais**

A nosso ver a apresentação dos filmes deve ser utilizada para a promoção do diálogo sobre a educação das relações étnico-raciais, tendo a princípio como público alvo os cursistas do ensino fundamental II e médio, mas, podendo ser adaptada para o trabalho com o ensino fundamental I. A nossa proposta visa, a partir da ênfase aos papéis e condicionamentos sociais impostos as mulheres negras, fazer reflexões sobre como o racismo influencia na construção da identidade da mulher negra (na família e na sociedade) através da percepção do corpo e das atribuições culturais. Assim, o diálogo é interdisciplinar, agregando conteúdos de História, Geografia e Sociologia, tendo como cerne o racismo e as trajetórias de vida das mulheres negras nos continentes americano e africano.

Para tanto, os recursos necessários nas classes seriam notebook, data-show, caixas de som, ou o uso de salas ambientes com equipamentos audiovisuais. O tempo destinado ao trabalho com cada filme deveria ser de seis horas, perfazendo um total de dezoito horas para a execução das atividades com a tríade de longas-metragens. E em cada película se dividiriam as ações em cinco parcelas, em que a exibição seria a primeira.





Num segundo momento caberia ao professor promover roda de conversa abordando temas como diáspora negra, papel da mulher na sociedade, racismo, embranquecimento, padrão de beleza, família e reprodução do racismo, autoestima e aceitação. Nesta mesma etapa caberia ao professor explicar a diáspora negra, destacar que são filmes dirigidos por mulheres, contando um pouco da biografia de cada diretora, correlacionando-as aos traços culturais e geopolíticos dos seus países de origem. Destacando que a produção de “Felicidade por um fio” é norte-americana, o que lhe propicia vasta divulgação e visibilidade mundial, ao passo que “Atlantique” teve grande evidência por sua atuação em Cannes, enquanto que “Quem quer casar com Isoken?” adquire possibilidade de maior audiência ao ser disponibilizado na plataforma do Netflix, situações passíveis de alusão a trabalhos com dados geográficos e sociológicos (inclusive acerca de como as pessoas assistem filmes).

Na terceira fase do trabalho o professor precisaria propor uma pesquisa em livros didáticos e revistas (tendo em mente que a ideia aqui não é propor uma tarefa de casa, e sim uma atividade para ser realizada na escola, podendo ser na sala de aula ou biblioteca). Tal pesquisa nos livros didáticos e revistas deveria se concentrar no debate anterior, de modo que os alunos buscassem identificar as mulheres e o continente africano nesses livros, seguindo um roteiro dado pelo professor.

Em etapa subsequente, em conformidade com os apontamentos passados pelo docente, os alunos e alunas iriam focar suas atenções a observação nos livros e revistas acerca da existência e representações de mulheres e do continente africano nestes periódicos. E se em tais obras existiriam mais ou menos mulheres do que recordariam os discentes? Igualmente, caberia aos alunos e alunas dizerem como essas mulheres e o continente africano eram colocados nos livros? Se o continente é caracterizado como o berço da humanidade, se ocorreria enfoque a respeito de sua antiguidade, diversidade mineral, biológica, vegetal? Se as mulheres trabalhavam e em que profissões? Tais mulheres seriam independentes? Como estas mulheres se vestiriam? Suas roupas demonstrariam suas descendências? O que as mulheres fizeram? Como seriam essas mulheres? Todas estariam caracterizadas iguais? Elas estudariam? Seriam mulheres casadas ou solteiras? No período em que viveram teriam sido consideradas grandes mulheres ou diferentes do que era normal?

Num último segmento de trabalho, após a troca de reflexões, caberia ao professor solicitar dos alunos produção textual na qual exponham seu posicionamento e os argumentos



para embasamento, tendo como pauta “a importância da construção de uma sociedade em que as mulheres sejam vistas como protagonistas”, onde possam partilhar os mesmos direitos dos homens e que acima de tudo tenham seus corpos negros respeitados.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do uso e análise de três filmes que apresentam conteúdos correlatos, mas, estilos narrativos, produções e direções geograficamente diferenciadas, a fim de pensar neste artigo conjunto de atividades que fomentem o diálogo interdisciplinar a respeito da educação étnico-racial, tendo como foco as turmas de ensino fundamental II e médio. A relevância do trabalho se marca pela sugestão didática de emprego do material, em que se configura a possibilidade de demonstrar as relações de gênero e étnico-raciais baseado no lúdico, expondo realidades de diferentes países, aproximando-os por interpretações de valores sociais e culturais, bem como pelos estereótipos atribuídos a figura feminina.

### **REFERÊNCIAS**

**ATLANTIQUE.** Direção: Mati Diop. França, Senegal, Bélgica, 2019. (104 min).

CASTRO, Maria Xavier de. **Mulher negra: sua situação na sociedade.** 1ª. ed. Rio de Janeiro, 1999.

**ESTRELAS ALÉM DO TEMPO.** Direção: Theodore Melfi. Estados Unidos, 2016 (127 min).

**FELICIDADE POR UM FIO.** Direção: Haifaaa Al-Mansour. Estados Unidos: Netflix, 2018. (98 min).

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. O cinema na história pública: balanço do cenário brasileiro (2011-2015). In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Org.) **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cultura negra e educação.** Revista Brasileira de Educação.



**PANTERA NEGRA.** Direção: Ryan Coogler. Estado Unidos, 2018. (135 min.)

**QUEM QUER CASAR COM ISOKEN?** Direção: Jadesola Osiberu. Nigéria, 2017. (100 min.)

**SELMA – uma luta pela igualdade.** Direção: Ava DuVernay. Estados Unidos, 2014 (128 min.)

SILVA, Marcos (Org.). **História:** que ensino é esse? Campina: Papyrus, 2013.

Enviado em: 30/01/2020  
Aprovado em: 20/04/2020